

**A RIQUEZA DAS NAÇÕES E A LIBERDADE GUIANDO O POVO DAS NAÇÕES: O FEMININO DE ADAM SMITH E DE EUGÉNE DELACROIX**

Marina Silveira Lopes<sup>1</sup>  
Chaeny Silva Souza<sup>2</sup>

**RESUMO**

O Iluminismo apesar de ter trazido a razão em detrimento à fé do período medieval, manteve as mulheres à sombra dessa iluminação. Pretende-se, aqui, mostrar as ideias do papel feminino nas obras *Riqueza das Nações* e *A liberdade guiando o povo*. Pois, em *Riqueza das Nações*, o liberalismo econômico de Adam Smith desqualificou a mulher para a produção de riqueza, destinando-a apenas aos homens e o liberalismo econômico, na tela de Eugène Delacroix trouxe a personificação de uma deusa grega e não uma mulher revolucionária. Dessa forma, pela análise bibliográfica, verificou-se a participação feminina durante esse período, entre os séculos XVIII e XIX. O liberalismo impulsionou as revoluções burguesas para alicerçar a tríade liberdade, fraternidade e igualdade, nas quais a mulher atuou muitas vezes no *front*, entretanto, sua participação foi mantida oculta a elas. O tema se fez importante, uma vez que, as ideias fortalecidas na Ilustração a respeito das mulheres, resvalam, ainda hoje, na atualidade pós-moderna.

**Palavras-chaves:** Adam Smith, liberalismo econômico, Eugène Delacroix, mulheres revolucionárias, revoluções burguesas.

**ABSTRACT**

This article is about the role of women in the Enlightenment. It argues that, despite the Enlightenment's emphasis on reason and equality, women were still seen as inferior to men. It brings the dialogue between Adam Smith's economic liberalism, which saw women as unfit for the production of wealth, and Eugène Delacroix's painting *Liberty Leading the People*, which personified liberty as a Greek goddess, rather than as a revolutionary woman. This work concludes by arguing that the ideas about women that were strengthened in the Enlightenment still have an impact on the post-modern world. It points out that women are still underrepresented in positions of power and influence, and that they still face discrimination and inequality.

**Key-words:** Adam Smith, economic liberalism Eugène Delacroix, revolutionary women, bourgeois revolutions.

---

<sup>1</sup> LOPES, Marina Silveira. Mestre em Ciências da Religião, Geógrafa pela PUC SP e Graduada em História pela Universidade Paulista -UNIP. E-mail: marinaslopes@gmail.com.

<sup>2</sup> SOUZA, Chaeny Silva. Licenciada em Geografia e especialista em Gestão Escolar com ênfase em relações de pessoas pela Faculdade do Vale do Juruena – AJES. Orientadora pedagógica da área de ciências humanas da Escola Estadual em Tempo Integral 21 de abril – Juína/MT. E-mail:chaenysilvasouza3@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O Iluminismo foi um movimento cultural que valorizou a razão, como único guia da humanidade para o progresso e para combater o Antigo Regime<sup>3</sup>. Essas mudanças políticas, econômicas e sociais impulsionaram os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, sendo os pensadores que os difundiram, conhecidos como os iluministas. O Iluminismo foi influenciado pela Renascença que influenciou a Revolução Francesa e a Independência dos Estados Unidos.

Apesar de endossar os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, muitos destes pensadores, alinharam-se aos pensamentos de Adam Smith imortalizados na sua obra *A Riqueza das Nações*, considerada a obra fundadora da ciência econômica. Nela, Smith conceituou a capacidade de acumulação de capital da mulher como nulo, sustentaram essa possibilidade destinada apenas aos homens, mesmo as mulheres participando ativamente no movimento iluminista. Meio século depois, vimos Eugène Delacroix celebrar a vitória da Revolução Burguesa de 1830, na França, com a tela *A liberdade guiando o Povo*, na qual uma mulher, com características clássicas, tremulava a bandeira da França.

Entretanto, essa não foi uma francesa revolucionária, mas a representação de uma deusa grega que conduzia a emancipação e autonomia do povo francês, conquistadas pelos homens. Sob esse olhar procurou-se entender a participação feminina no iluminismo e nas revoluções burguesas no final do século XVIII e início do século XIX em diálogo com a obra *A Riqueza das Nações*, onde as mulheres não são, idealmente, enxergadas com fonte de capital. Uma vez que para os liberais, as mulheres não eram passíveis a esse tipo de produção.

O autor de *A Riqueza das Nações*, quase não mencionou as mulheres do seu tempo, em sua construção teórica e, quando o faz, encimou que as mulheres poderiam, caso tivessem acesso a renda e o conhecimento, atrapalhar o crescimento da economia. Infelizmente, estas ideias misóginas, ainda, reverberam no Brasil.

### 1. ADAM SMITH E A INCAPACIDADE DA MULHER EM PRODUZIR RIQUEZAS

O racionalismo foi uma corrente filosófica que remonta ao século I a.C. Defendeu que a única fonte do conhecimento era a racionalidade pura, ganhou destaque no final do Renascimento (movimento que acontece na Itália, do século XIV ao XVII), movimento que explicou a realidade, utilizando-se da razão ao invés da fé tão arraigada na Idade Média. Seus

---

<sup>3</sup> Sistema social e político absolutista estabelecido na França e em outros países europeus entre os séculos XV e XVIII.

maiores expoentes na modernidade são Wilhelm Leibniz, Baruch Espinoza e René de Descartes. O pensamento construído a partir da razão contribuiu para uma nova corrente filosófica que ganhou força e muitos adeptos, conhecida como Iluminismo.

René Descartes (1596 – 1650), o pai do racionalismo, dizia: “deve-se questionar tudo”, e os iluministas acreditavam na disseminação do conhecimento, já que pensar dessa maneira opunha-se ao raciocínio religioso da época, como forma de enaltecer a razão. E, isso se concretizou com Montesquieu e a tese da tripartição dos poderes, com disseminação do conhecimento humano de forma ordenada e metódica, com Denis Diderot, Jean le Rond D’alamber, e com Rousseau em seu contrato social e com Kant, em sua visão sobre a dignidade humana.

Atualmente, as mulheres são excluídas de inúmeras atividades econômicas no Brasil e ao redor do mundo. Tal posicionamento misógino foi encampado por uma representatividade bastante baixa na política, nos países periféricos. Entretanto, essas situações, na pós-modernidade, têm sua construção histórica baseada em ideias liberais que reafirmaram que a condição feminina estava restrita à poucas funções, fora do “lar. Qualquer análise precisa-se levar em consideração que as ideias liberais vinham sendo construídas nos discursos masculinos há muito tempo.

Na França, no início do Século XVIII, governada pela monarquia absolutista ratificada pelo direito divino, e com uma população na extrema pobreza, os filósofos iluministas, em suas reflexões sobre as mulheres e a sua condição social, basicamente reafirmavam a condição feminina descrita por Adam Smith, ainda que tivéssemos filósofos questionando e refletindo sobre a condição feminina, como Mary Wollstonecraft<sup>4</sup>.

(...) Revolução Francesa não aconteceu sem aviso na história da França, tampouco a forma de pensar que norteou os ideais dos revolucionários surgiu do dia para a noite. Entretanto, nem Luis XVI nem a Igreja estavam preparados para o que se iniciou em 1789 e se estendeu até o último ano do século XVIII (CORRADINI, R. 2019, p.1).

Ainda assim, a forte presença do liberalismo econômico possibilitou ao povo francês sonhar com posses em um Estado com os poderes legislativo, executivo e judiciário

---

<sup>4</sup> Mary Wollstonecraft entrou para a história como mãe de Mary Shelley, a célebre autora de Frankenstein. Mas essa não foi sua única marca histórica. Ainda no século 18, a filósofa produziu registros históricos da Revolução Francesa publicou comentários políticos que respondiam a pensadores homens (...). Hoje, mais de 200 anos após sua morte, Wollstonecraft é celebrada principalmente como uma das fundadoras do feminismo (D’ ANGELO, H. Mary Wollstonecraft, autora de uns dos primeiros textos feministas. Disponível em: [revistacult.uol.com.br](http://revistacult.uol.com.br). Acesso em: 21 out,2022.

descentralizados de um único homem. No Estado liberal, a riqueza deixou de se caracterizar pelo acúmulo de metais preciosos, e passou a centrar-se na força de trabalho e no lucro; e foi esta nova percepção do acúmulo de riqueza que proporciona à burguesia impulso e força em patamares não antevistos.

Com a educação sendo percebida em seu papel essencial no processo de conquista da autonomia e da liberdade traria um progresso cultural enorme e fundamental na formação do indivíduo em sua finalidade primordial e absoluta dentro da existência humana. Com a liberdade e a igualdade tornando-se condição inerente à essa natureza (FLICKINGER, H-G, 2011). E, ainda assim, este direito universal do homem foi direcionado apenas ao homem branco europeu, impossibilitando possibilidades e excluindo totalmente a mulher.

Neste momento houve duas questões primordiais – a iluminação sobre a questão das mulheres, discutido pelos filósofos iluministas, e a iluminação das próprias mulheres. Para Gomes (2011) estas se encontram aprisionadas nos arquétipos repressores do século XVII, que refletiu no posicionamento de muitos pensadores iluministas, usando julgamentos históricos dos papéis femininos e masculinos. O autor, ainda, exemplifica esse posicionamento nos filósofos David Hume e Adam Smith, que colocam as mulheres em posição de inferioridade.

Adam Smith, considerado o pai da economia moderna, disse que a mão-de-obra feminina não é forte o suficiente para gerar riquezas. Ele defendeu novos conceitos sobre a liberdade individual, mas não incluiu a mulher na esfera moderna de trabalho. Segundo Gomes (2011), Smith ressaltou que era responsabilidade feminina fornecer ao homem, responsável e provedor, momentos de relaxamento e distração. E estabelece que estas deveriam ficar sujeitas às escolhas de formação educacional determinadas por seus pais ou tutores, para que aprendessem o que for determinado por eles. A citação a seguir ratifica o pensamento do filósofo quando afirma que

Não existem instituições públicas para a educação de mulheres, não havendo, portanto, nada de inútil, absurdo ou fantástico no curso normal de sua formação. Aprendam o que seus pais ou tutores consideram necessário ou útil que aprendam, e nada mais do que isso (SMITH, A., 1998, p.54).

Este posicionamento evidencia o acesso à educação feminina inteiramente dependente da escolha masculina, denota a grande desigualdade entre os gêneros e reforça o olhar crítico à posição feminina por parte dos filósofos iluministas. Hume reforça que a natureza dá ao homem, de maior força mental e corporal, superioridade em relação à mulher.



Como a natureza deu ao homem superioridade com relação à mulher ao dotá-lo com maior força mental e corporal, faz parte dele atenuar essa superioridade, o máximo possível, pela generosidade de seu comportamento (...) Nações bárbaras expõem essa superioridade, reduzindo suas fêmeas à escravidão mais abjeta, ao confiná-las, violentá-las e vendê-las. Mas o sexo masculino, entre os povos educados, descobre sua autoridade de uma maneira mais generosa, porém não menos evidente. (HUME, 1999, p. 297 *apud* GOMES, A.S.,2011, p.35).

Desta forma cabe ao homem atenuar tal diferença com generosidade, além disso, o sexo masculino, entre os povos educados, deve se apropriar de sua autoridade de forma e evidente. Evidencia-se uma ideia de igualdade no nascimento do iluminismo que absolutamente não incluí as mulheres.

Os aspectos socioculturais, vistos como fortes divisores de atividades, estabeleceram o homem como responsável pela manutenção do lar, por sua melhor remuneração, qualificação e formação; seu equilíbrio emocional, (não sendo emotivo), foco, agressividade e determinação demonstrando que, preparado desde a infância, como o provedor. Adam Smith, também disse que, ao se ter o trabalho produtivo como fonte principal de riqueza das nações, a consequente acumulação de capital permite a contratação de trabalhadores produtivos e reduz a parcela da população ocupada em atividades que não produzem valor, sendo assim, vistas como improdutivas (SIQUEIRA, T. de F.,2014).

Percebe-se que, tanto para ele quanto para outros pensadores da época, que as mulheres devem atuar somente numa faixa do mercado onde histórica e culturalmente foram naturalizadas como submissas e destinadas aos afazeres domésticos, apagando assim da história sua importância fundamental das atividades agrícolas, por exemplo. Contudo, o crescente fôlego da produção industrial, que passou a se destacar grandemente no acúmulo de riqueza das nações, fez com que as atividades domésticas se desvalorizassem. A mão de obra feminina, requisitada na indústria fabril, veio atender às necessidades de afazeres aos quais a mão de obra masculina não se submete, como por exemplo: oficina de costura; separação de peças pequenas, limpeza etc. O trabalho doméstico foi absorvido, socialmente, como uma categoria inativa da economia (SIQUEIRA, T. de F., 2014).

Adam Smith nominou e classificou esta categoria como inativa ou *rent-seeking*<sup>5</sup>. Esta prática maliciosa prejudica a macroeconomia e impossibilita as mulheres de produzir lucro, renda ou salário que resulte em geração de riquezas. Logo as atividades *rent-seeking*,

---

<sup>5</sup> O termo *rent seeking* é usado para descrever o agente privado que busca garantir seus interesses econômicos manipulando o ambiente a seu favor” (REIS, T.,2019, p.1).

desempenhadas pela mão de obra feminina, evidenciam o descarte que as mulheres sofrem para a produção de riqueza.

E meio século depois da publicação do livro *A Riqueza das Nações*, esta construção e manutenção ideológica fez com que as mulheres ainda se encontrassem completamente apartadas dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, com sua participação nas revoluções burguesas que não foram reconhecidas de imediato pelo movimento iluminista. Eugène Delacroix, em sua obra, trouxe a imagem de uma mulher ostentando a bandeira francesa, como uma representação da liberdade, mas não aludindo a uma mulher revolucionária que foi participante ativa de todos estes movimentos.

## 2. O PONTO DE FUGA NA OBRA *A LIBERDADE GUIANDO O POVO* DE EUGÈNE DELACROIX

Delacroix, nascido em 1798, filho de político, frequentou a Escola de Belas Artes em 1816. No início da carreira dedicou-se às obras religiosas e históricas e posteriormente, o Romantismo<sup>6</sup>. Por volta de 1820 retoma as obras históricas, sendo as principais: *O Assassinato do Bispo de Liège* (1829) e *A liberdade guiando o povo* (1831) (vide figura 01).

**Figura 1:** *A Liberdade guiando o povo*



**Fonte:** Cultura genial, 09 out,2022.

Löwy; Sayre (1995 *apud* RABÊLO, F.C., 2021) diz que a obra foi criada sob a palheta do movimento romântico, contrário ao iluminismo e que influenciou os estilos das artes e da

---

<sup>6</sup> Entende-se por romantismo o movimento cultural, ideológico e estético que surgiu no final do século XVIII, inicialmente na Europa, estendendo-se posteriormente para outros países (Palma et al., 2013). Ainda que seu apogeu tenha acontecido no início do século XIX, sua influência é perceptível ainda hoje não só na arte e na literatura, mas também na ciência e nos costumes (Löwy & Sayre, 1995). (RABÊLO, F.C.,2021, p.1).

vida dos europeus da época. O Romantismo trouxe traços e premissas da subjetividade, que valorizava o singular, o radical e a exceção.

Essa percepção romântica se desenvolveu pela observação das mudanças e influências de acontecimentos primordiais, naquele período da Europa, sendo os principais a Revolução Francesa, a industrialização crescente e a principalidade dos ideais de liberdade e individualidade, estes sustentados pelo discurso filosófico liberal, tudo isto enaltecendo a tríade vista na ilustração – Liberdade, Igualdade e Fraternidade (SANTOS, F.R.S., 2009). O autor pontua que essa nova linguagem artística cotidiana, ainda que almejando a originalidade, se sustentou no material fornecido pela tradição, mas que é desprezado pela arte oficial.

Esse pensamento, libertário, nasceu no centro das conquistas burguesas, na Revolução Francesa e que conta com a individualidade como uma de suas principais características, já que a sensibilidade romântica colocou, em foco, o sujeito que representava a antítese de seu meio devido à sua oposição ao exterior e à tradição, trazendo à tona um caráter mais universalista que possibilitou a transferência do poder da aristocracia para a burguesia francesa (SANTOS, F.R.S., 2009).

A partir daí a burguesia reconhecida como uma classe social privilegiada, buscou seu direito ao acesso às artes. A arte romântica, por sua vez, mais popular do que a clássica, preferida pela aristocracia, promoveu a presença desta nova classe social em encontros intelectuais. E, o novo público buscou no romantismo representações que se adequassem ao seus gostos, anseios e estilo de vida.

Dentro deste período, Delacroix tornou-se o pintor do Estado, do Império, da Monarquia Constitucional, da 1ª. e 2ª. Restaurações. Assim, apresentava, em suas obras, os acontecimentos que anteciparam a abdicação do rei Carlos X, que subiu ao trono em 1824 na linha sucessória a Luis XVIII. Com a subida ao trono de Carlos X, a influência do clero aumentou. Com os clérigos desempenhando papéis cada vez mais importantes na educação francesa, como chefes de colégios reais ou reitores de escolas municipais, num reflexo para restaurar a monarquia absoluta. Contudo, a possibilidade de voltar a ser uma monarquia revoltou o povo, colocou em pauta o fim da liberdade de imprensa, do sufrágio censitário e de novas conquistas, e isso impulsionou a revolta, particularmente, da burguesia parisiense. “A imprensa liberal criticou cada vez mais a intrusão do jesuitismo no Estado, na escola e na sociedade” (STONE, M, 2022, p.1).

“A 27 de julho de 1830, apareceram as primeiras barricadas (...). Protestando estudantes, trabalhadores e soldados (...). As multidões espalharam-se sem obstáculos pela cidade (...) (STONE, M, 2022, p.1). Nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, conhecidos como *os três dias gloriosos*, ocorreram levantes contra Carlos X. O povo de Paris e as sociedades secretas conseguiram a abdicação do monarca em favor de Luís Felipe I, o que levou ao fim do período da restauração francesa. O movimento espalhou-se por toda a Europa, conhecido como as Revoluções de 1830.

E, por essa passagem histórica que Delacroix pinta sua tela. Aidar (2022) coloca que, apesar da associação dela, *A liberdade guiando o povo*, à uma cena da Revolução Francesa de 1789, ela glorifica exatamente os *três dias gloriosos*, fundamentais para a constituição da república francesa e imortaliza as inúmeras barricadas levantadas no dia 28 de julho de 1830. Paris tomada pelos manifestantes, exaltada como cidade luz, a silhueta da Catedral de Notre Dame ao fundo, com sua arquitetura gótica escondida pela fumaça, mas ainda assim presente, para que o público tenha certeza de que se trata de Paris. A catedral esfumaçada devido a todos os tiros de canhão vem em segundo plano, enquanto no primeiro plano vê-se pessoas atravessando uma barricada de paralelepípedos e vigas, os corpos dos soldados mortos retorcidos e desconexos, um ainda vestido e outro nu. Esses detalhes de Delacroix trazem a certeza das suas identidades, vide a figura 1.

Pode-se ver também um operário ou camponês ferido com um lenço na cabeça, o olhar escondido, mas a apontar, em uma deferência com a cabeça, para a imagem central, a mulher. Um garoto empunhando uma arma de fogo, um homem de cartola, sobrecasaca e gravata com calças e cinto de trabalhadores e com os joelhos na barricada. Um trabalhador usando uma boina, com um sabre de isqueiro na mão e um estandarte no ombro e também um estudante da Escola Politécnica com seu chapéu armado tradicional. São elementos fortes e significativos em sua obra, os quais representam tanto a paisagem cultural da cidade de Paris quanto os seus habitantes que clamavam por justiça. “Delacroix uma vez afirmou: “e se não lutei pelo meu país, pelos menos terei pintado por ele (IMBROISI, M; MARTINS, S., 2022, p.1)”.

“(...) o personagem olhando diretamente para nós, o menino. Símbolo das “crianças de Paris” que participaram dos combates durante os Três dias Gloriosos. Vemos também, a segunda à esquerda, agarrada à calçada. Esses meninos são os representantes da juventude, revoltada com a injustiça e cujos pais os embalarão com história da Revolução na infância. (...) mas eles também são um símbolo de violência e desordem. Ele é um herói ou canalha? (...). Ele carrega pistolas em cada mão, uma bolsa enorme. Ele pegou esses itens dos soldados mortos. Ele também está avançando em nossa direção, sua boca aberta em um grito de guerra, liderando os insurgentes para a batalha.” (HISTOGAMES, 2022, p.1).



Nessa descrição dos protagonistas percebe-se a presença do povo e de todas as suas classes sociais. Ao olharmos para o ponto de fuga vê-se a personagem principal, uma mulher de cabelos cacheados, descalça, dorso desnudo e usando um gorro frígio, a ostentar firmemente a bandeira francesa e uma baioneta. A tela de 2,6m x 3,25m de dimensão é majoritariamente escura, mas pode-se ver, devido ao efeito da fumaça, que existem alguns pontos de coloridos. As cores da bandeira se repetem na roupa do trabalhador que está aos pés da personificação da Liberdade, a mulher. Uma única fonte de luz vem do firmamento e este pequeno feixe de luz incide diretamente nela e na bandeira. O céu mostra “o caos da guerra urbana. Esta técnica do pintor francês combina a expressividade do romantismo com a estrita atenção ao detalhe do realismo, transmitindo emoção e permanecendo fiel ao tempo e lugar históricos” (IMBROISI, M.; MARTINS, S., 2022, p.1).

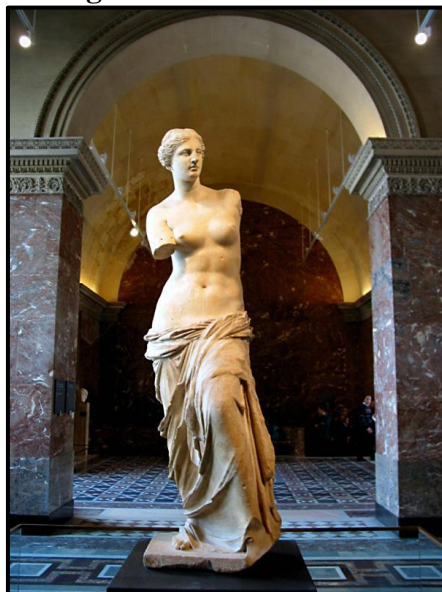
Delacroix produziu sua arte sob a encomenda do Estado. Ao analisar os detalhes desta produção, percebeu-se que a intenção do artista estava muito distante de ser uma mera propaganda política. A bandeira tricolor, uma evidência da ideologia napoleônica, “Emblema nacional da Vª República”, nasce da reunião, durante a Revolução Francesa, das cores do rei (branca) e da cidade de Paris (azul e vermelha) - (BR.AMBRAFRANCE.ORG,2022). Outro ponto a observar é que a República Francesa não nasceu dessa revolução. Tudo isso evidenciou o quanto a obra era realmente, uma manifestação romântica do artista, ainda que existam especulações a respeito do porquê Luiz Felipe I, o sucessor de Carlos X, ter adquirido a pintura por uma alta quantia, após seu sucesso na exposição do artista para posteriormente ser retirada de circulação pelo censor real (HISTOGAMES, 2022).

Todo o povo parisiense estava na rua, lutando para a edificação da república e da liberdade. “O pé da mulher se encontra sobre a barricada, o que sintetiza um momento grandioso da batalha” (IMBROISI, M.; MARTINS, S., 2022, p.1). Dessa forma, a tela mostra a liberdade personificada por uma figura feminina e não representando a mulher francesa que também buscava seus direitos.

O pintor traz a deusa grega aludindo à Vênus de Milo (Vide figura 2), mostrando seu viés romântico e não solidário à condição feminina. Comparando a figura 1 com a figura 2, observa-se que a Liberdade de Delacroix apresenta os pés na mesma posição dos pés de Vênus de Milos, deusa grega do período helenístico.

Representando Afrodite, uma das deusas mais importantes e veneradas da Antiguidade Clássica, a Vênus de Milo **simboliza o ideal de beleza** facial e corporal da época. Sendo uma das poucas obras originais da Antiguidade que chegaram aos nossos dias, **sua imperfeição mutilada contrasta com um trabalho preciso** do escultor. Segundo alguns especialistas, além da propaganda feita pelo governo francês para promover a obra, a sua fama seria também por ser uma peça singular. Pela posição do corpo e as ondulações no manto e nos cabelos, a mulher **parece estar em movimento**, vista de todos os ângulos. (MARCELLO, C.,2022, p.1- Sic).

**Figura 2:** Vênus de Milos



Fonte: Google, 9 out,2022

Delacroix invisibilizou a mulher revolucionária trazendo para a cena central de sua obra uma figura clássica, apenas uma demonstração a mais de um apagamento sistemático intencional. É essa clareza de percepção que torna essencial a pergunta: Onde estavam as mulheres nas revoluções burguesas impulsionadas pelo iluminismo?

### **3. AS MULHERES NO ILUMINISMO DE ADAM SMITH E NA TELA DE EUGÈNE DELACROIX**

Ao longo dos séculos, os filósofos iluministas obtêm conquistas nos âmbitos sociais e das liberdades individuais, ocasionando o fim dos governos absolutistas em vários países. “O iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma menoridade que estes mesmos se impuseram a si. (...) *Sapere aude!* [Ouse saber!] Tem coragem para fazer uso da tua própria razão!” (KANT, I. *apud* ZIRMENAN, I.,2021, p.1).

A sociedade vive sob a influência da economia liberal de mercado e percebe-se que a mulher ficou em segundo plano na maior parte dos segmentos, ao redor do mundo. Na maioria dos países as mulheres não têm os mesmos direitos que os homens e a violência contra elas, é

recorrente. No Brasil, nos dias atuais foi necessário a promulgação de leis, como a lei contra a violência doméstica<sup>7</sup> e da lei do feminicídio<sup>8</sup>

No início do século XVIII, em Paris pensadoras organizaram reuniões intelectuais para debater ideias, autores e pensamentos políticos e filosóficos. Nesse momento, alguns pensadores não se mostraram confortáveis com a participação feminina. A reestruturação do pensamento histórico no século XVIII “(...) trouxe, pela primeira vez, a idéia de que as mulheres, assim como os homens, têm uma história, e que, longe de serem compreendidas em termos de seus papéis biológicos, religiosos ou domésticos imutáveis, elas também mudam com o tempo” (O’BRIEN, 2009, p. 1 *apud* GOMES, A.S, p.32).

Os expoentes das luzes do século XVIII, em sua maioria, reproduzem em seus escritos a visão da família patriarcal e um papel de passividade da mulher, negando às mulheres a educação projetada para o homem e deixando-as na escuridão intelectual. Rousseau, por exemplo, deixou evidente que a “política real deve ser papel do homem, restando apenas o comportamento virtuoso para as mulheres<sup>9</sup>”. Badinter (2003, p. 68 *apud* PAIVA, W.A.2019, p.358), ratifica esse comportamento quando escreveu que “do século XVII até o fim do século XIX, a mulher erudita é constantemente ridicularizada e tudo se faz para que ela não exista”.

Perspectiva que adentrou o século seguinte e pode ser encontrada em maior ou menor grau também nos escritos de Diderot, do Barão de D’Holbach, de A. L. Thomas, e até de algumas mulheres, como Madame de Genlis, Madame de Maintenon, e a Marquesa de Lambert; além da já conhecida produção masculina inglesa nos nomes de Hume, Smith e Burke (PAIVA, W.A.2019, p.358).

Rousseau, reproduziu a compreensão geral da sociedade da época e fez duras críticas às mulheres e defendeu a tese da família patriarcal como a família natural, alinhando-se a Kant ao acreditar em uma diferença natural entre sexo masculino e feminino e em uma inabilidade feminina de raciocinar. “Thomas<sup>10</sup> chegou a criticar a “escravidão doméstica da mulher” (1991, p. 61), mas afirmou que as mulheres eram incapazes de sentimentos universais e tinham menos sentimentos de justiça. (PAIVA, W.A.2019, p.361). Mesmo que os enciclopedistas tenham

---

7 Lei Maria da Penha – sancionada em 7 de agosto de 2006, estabelece que todo caso de violência doméstica e intrafamiliar é crime.

8 Lei do Feminicídio – sancionada em 09 de março de 2015 – torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos.

<sup>9</sup> Curioso que por outro lado, fica subtendido nos seus escritos que a mulher acaba revertendo a situação e protagonizando o cenário, se consideramos que é Sofia quem governa o Emílio ou Julie a real governanta da Comunidade de Clarens. Além do mais, não podemos esquecer o fato de o autor ter elogiado o papel das mulheres nas conquistas de Esparta e Roma, como o trecho que aparece logo no início do Emílio, sobre a mulher que louvara a vitória, mesmo tendo seus cinco filhos mortos na batalha. “Eis a cidadã”, diz Rousseau (1973, p. 13) enfaticamente (PAIVA, W.A.de.2019, p.358).

<sup>10</sup> Poeta e crítico literário francês, mais conhecido, em sua época, por grande eloquência.

dado uma grande contribuição para a libertação do homem das amarras da Igreja e da Coroa, pois eram em grande parte republicanos, materialistas e humanistas, não fizeram muito esforço pela emancipação das mulheres (PAIVA, W.A.2019).

As ideias persistiram pelas décadas, como, até em pleno século XX Lombroso (1929 *apud* PAIVA, W.A.2019) defendeu em *A mulher na sociedade atual* questões políticas não seriam convenientes para as mulheres e, deveriam dedicar-se ao cuidado da família, repetindo uma ideia comum no século XVIII, de que o homem deve “reinar” na cena pública e a “mulher” reinar na cena privada. Dessa forma, Delacroix não concebe sua tela para ressaltar a força e o comprometimento da mulher com a liberdade, igualdade e fraternidade.

Além da França, algumas vozes se levantaram e produziram críticas aos nominados iluministas. No final do século XVIII, Mary Wollstonecraft<sup>11</sup>, inglesa e filósofa, indigna-se com os trabalhos de Rousseau e “critica muito o iluminismo francês por seu paradoxo de defender a igualdade, e ao mesmo tempo, testemunhar passivamente a desigualdade entre os gêneros, tal como, segundo ela, o faz Rousseau”. (PAIVA, W.A. 2019, p.363).

Wollstonecraft defendeu a revolução dos costumes femininos para garantir o retorno a uma dignidade feminina. Fez registros históricos da Revolução Francesa, respondendo à colocações masculinas, escreveu obras e também defendeu os direitos das mulheres à educação e à igualdade no casamento (HELO D’ ANGELO, 2017). “Desafortunada é a situação das fêmeas, educadas de acordo com a moda, mas deixadas sem fortuna alguma”, (WOLLSTONECRAFT, M *apud* D’ ANGELO, 2017, p.1). Wollstonecraft tornou-se árdua defensora da tríade igualdade, liberdade e fraternidade da França pós-revolucionária. Seu principal objetivo foi demonstrar que a sociedade patriarcal corrompia e ridicularizava as mulheres e que foi a partir dos comportamentos masculinos que surgiu grande parte daquilo que foi considerado a *loucura* feminina.

Durante o Iluminismo as ideias sobre a incapacidade da mulher eram reforçadas em várias áreas, como escreve Lynn Hunt sobre o tratado do médico e filósofo Pierre Roussel: “esta é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu espírito e energia. O útero define a mulher e determina

---

<sup>11</sup> Mary Wollstonecraft entrou para a história como mãe de Mary Shelley, a célebre autora de Frankenstein. Mas essa não foi sua única marca histórica. Ainda no século 18, a filósofa produziu registros históricos da Revolução Francesa publicou comentários políticos que respondiam a pensadores homens (...). Hoje, mais de 200 anos após sua morte, Wollstonecraft é celebrada principalmente como uma das fundadoras do feminismo. D’ ANGELO, H., Mary Wollstonecraft, autora de uns dos primeiros textos feministas. Disponível em: [revistacult.uol.com.br](http://revistacult.uol.com.br). Acesso em: 21 out,2022.



seu comportamento emocional e moral” (HUNT, 2009, p. 44 *apud* SCHMIDT, J.F,2012, p.9). Hunt (2009, p.2 *apud* SCHMIDT, J.F,2012, p.7) coloca ainda que a “representação do privado, e sua participação ativa, como mulheres em praça pública, era rejeitada por praticamente todos os homens”.

Vale ressaltar que a Revolução Francesa teve uma intensa participação das mulheres que acreditaram estar lutando para modificar uma condição que as prejudicavam e as suas famílias (SCHMIDT, J.F,2012). Ainda assim, a maioria dos pensadores iluministas defenderam os direitos dos cidadãos contra o autoritarismo, mas consideraram as mulheres seres inferiores e fadadas aos desígnios da vida da casa. Elisabeth Badinter (1991, p.9) diz que por mais que as mulheres tenham gritado, elas não foram ouvidas durante as revoluções. “Algumas através da pena ou da palavra, e a maioria com seus gritos nas tribunas da Assembléia e das sociedades populares, ou com suas manifestações nas ruas. [...]”. A autora coloca ainda que existiam dois tipos de mulheres que se destacaram:

Um as anônimas, são as mulheres do povo: operárias de tecidos (lavadeiras e fiandeiras), lojistas, feirantes. São elas as primeiras a reagirem ao período de miséria, e a tomar frente dos motins da fome. [...] Mas a revolução teve outras atrizes: um número pequeno de mulheres [...] mulheres de letras que mal sabiam escrever [...] mulheres oriundas da pequena burguesia, que se interessavam pela política, assistiam às sessões das sociedades populares [...] (BADINTER, E.,1991, p. 9).

Vê-se que a “participação política das mulheres não se limitou à sua presença em jornadas populares” (SAES, L.A.M., 2014, p.1), muitas não se restringiram ao papel de mães cívicas que lhes era imposto. Há, por exemplo, “o caso das *mulheres-soldados*<sup>12</sup>, que se alistavam individualmente no exército, muitas vezes disfarçadas, para defender a “pátria em perigo” ou acompanhar maridos, amantes e irmãos enviados para o *front*”. (SAES, L.A.M., 2014, p.1). Mas, as mulheres que ousaram participar ativamente da vida pública e da política foram rotuladas de imorais.

Assim, mulheres atuantes nos espaços conquistados à sombra do patriarcado, tanto no *front* como também nos palanques políticos para a Revolução Francesa, não foram retratadas por Delacroix como mulheres revolucionárias, não só em função do período romântico, mas porque à mulher foi negado o reconhecimento.

---

<sup>12</sup> Um decreto de 30 de abril de 1793 procurou excluí-las, mas, na prática, nunca foi cumprido e algumas mulheres chegaram a receber gratificações e pensões do governo. (...) essas mulheres podiam ser aceitas por expressarem, na ótica de oficiais e líderes políticos, um ideal de virtude: elevavam-se acima de seu sexo, é verdade, mas para auxiliar os homens em seu dever patriótico (SAES, L.A.M., 2014, p.1).

Há o envolvimento de uma militância no movimento popular parisiense, um desempenhado pelas mulheres *sans-culottes* (mulheres trabalhadoras, pequenas comerciantes e desempregadas), considerados como um dos grupos políticos mais radicais durante a revolução, tendo o apoio dos políticos populares.

As calças listradas de azul e branco e o gorro frígio vermelho (símbolo da liberdade) tornaram-se o traje símbolo de protesto, usado por advogados, comerciantes, artesãos, burgueses, todos aqueles que se veem como *patriotas*. Apesar da representação da Liberdade estar vinculada à deusa grega, temos a figura feminina da obra utilizando um gorro frígio ou Marianne, um gorro que é a personificação da República Francesa. As primeiras representações de uma mulher com esse gorro, alegoria da Liberdade e da República, surgiram durante a Revolução Francesa.

O que se vê na obra não é a representação de uma revolucionária, porém a personificação da emancipação e autonomia do povo francês, conquistadas por homens. E, historicamente, mesmo tendo-se transcorrido meio século entre a obra de Adam Smith e a obra romântica de Delacroix, a mulher representada é somente a personificação da liberdade como substantivo feminino, e não um possível repúdio aos pensamentos iluministas em relação à mulher ou até mesmo um reconhecimento de como todas as mulheres são capazes de contribuir para *A Riqueza das Nações*.

## CONCLUSÃO

A partir do momento em que o racionalismo tomou proeminência, e a fé deu lugar à razão em todas as esferas da vida, houve uma mudança crucial no comportamento do homem. O senhor feudal, vassallos ou bruxas foram sendo esquecidos e tornando-se história, com a fé e o misticismo dando lugar à racionalidade trazida da Antiguidade Clássica e renascida para dar passagem para a modernidade. Tudo isso só foi possível por conta do movimento sócio-político-cultural conhecido como Iluminismo, Século das Luzes ou Ilustração.

Durante o Século das Luzes, filósofos iluministas como Hume, Kant, Rousseau, Adam Smith, entre outros, postularam o uso da razão para iluminar a mente das pessoas e trazer o verdadeiro conhecimento, uma vez que só assim poder-se-ia explicar a realidade. Os ideais iluministas, alicerçados pela razão, promoveram mudanças significativas na sociedade que atingiram, ainda hoje, a sociedade contemporânea. E estimularam e possibilitaram as revoluções burguesas, trazendo à pauta uma nova classe social, a burguesia.

No entanto, para que essa classe se consolidasse, um novo sistema econômico precisou respaldá-la, possibilitando a venda de produtos em escala, sem a interferência direta de um monarca absolutista. Dessa forma, o liberalismo econômico proposto por Adam Smith abraçou os anseios burgueses e a promessa conjunta de liberdade, igualdade e fraternidade. Os direitos universais dos homens foram proclamados. Todos esperaram os ventos da mudança. Políticos buscaram criar manobras que possibilitassem o retorno ao Antigo Regime, como Carlos X, mas estas tentativas falharam, pois, o povo francês permaneceu atento, já que é na França que o iluminismo tem seus maiores defensores.

As revoluções burguesas instauraram definitivamente a república, o povo clamou os benefícios promulgados pelos direitos universais, entretanto eles ficaram restritos aos homens, enquanto que as mulheres, apesar de participarem ativamente nas revoluções, não foram reconhecidas como heroínas, uma vez que mesmo neste novo pensamento, as mulheres que se envolveram na política eram vistas como imorais e qualquer tentativa de contribuição foi definida como rasa e deixada de lado. Além disso, segundo o liberalismo econômico, as mulheres não tinham capacidade produtiva de gerar riquezas, um feito naturalmente masculino.

E quando se tem uma obra como a Delacroix, que exhibe uma mulher ostentando a bandeira e guiando o povo, pensa-se que é o reconhecimento da participação feminina em todo esse processo de mudança. Todavia, o meio século que se passa, neste processo de mudança do sistema econômico, em um discurso que propõe e projeta a igualdade, não foi suficiente para que o artista expusesse a mulher exibida na obra como uma mulher francesa revolucionária e não uma deusa greco-latina. Pois os posicionamentos dos filósofos iluministas não ensejaram criar a possibilidade da igualdade feminina. E Delacroix jamais conceberia sua tela para ressaltar a força e o comprometimento demonstrados pela mulher com a liberdade, igualdade e fraternidade e para a construção de uma república forte francesa.

Tais ideias perpetuaram-se ao longo dos séculos, o quê na pós-modernidade, ainda é difícil as mulheres serem reconhecidas com seus direitos plenos.

## REFERÊNCIAS

ANALYSE D'UNE OEUVRE: LA LIBERTÉ GUIDANT LE PEUPLE D'EUGÈNE DELACROIX. DISPONÍVEL EM: <https://www.histogames.com/HTML/chronique/analyse-tableau/la-liberte-guidant-le-peuple.php> . Acesso em: 09 set, 2022.

BADINTER, E.. **Palavras de homens (1790-1793) – Condorcet, Prudhomme, Guyomar...[et al]**; tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

**CORRADINI, R.** Revolução Francesa: etapas, causas e consequências, 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/revolucao-francesa/>. Acesso em: 27 ago,2022.

D'ANGELO, H., **Mary Wollstonecraft, autora de um dos primeiros textos feministas**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>. Acesso em: 30 set,2022.

FLICKINGER H-G., **Herança e futuro do conceito de formação (Bildung)**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Y8sB6PGNsZvdpv3f5SWmjsG/?lang=pt>. Acesso em: 13 out,2022.

GOMES, A.S., Mulheres, Sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ**. Matraga – Estudos Linguísticos e Literários. ISSN Eletrônico 2446-6905. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/26059/1865>. Acesso em: 13 out,2022.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **A Liberdade guiando o povo – Eugène Delacroix. História das Artes, 2022.** Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-liberdade-guiando-o-povo-eugene-delacroix/>> Acesso em:09 out,2022.

MARCELLO, C., **Escultura de Vênus de Milo.** Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escultura-venus-de-milo/>. Acesso em: 21 out,2022.

PAIVA, W. A., **A Questão da Mulher em Rousseau e as Críticas de Mary Wollstonecraft.** REVISTA ETHIC@. v.18, n. 3, dez., 2019, 357-380.

REIS, T., **Rent seeking: entenda como o poder público beneficia grupos de interesse.** Disponível em: [suno.com.br/artigos/rente-seeking](https://suno.com.br/artigos/rente-seeking). Acesso em: 18 out,2022.

SAES, L.A.M.de., Morin, Tania Machado. Virtuosas e Perigosas: As Mulheres na Revolução Francesa. Revista de História da USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/89022/165768>. Acesso em: 21 out, 2022.

SANTOS, F.R.da SILVA., **Os contornos incertos do belo romântico.** Disponível em: <https://books.scielo.org/id/m2ys3/pdf/santos-9788579830266-03.pdf>. Acesso em: 18 out,2022.

SANTOS, N. **O que é e como surgiu.** <https://artes.umcomo.com.br/artigo/romantismo-o-que-e-e-como-surgiu-20059.html>. Acesso em: 16 out,2022.

SCHMIDT, J. de F., As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema.** Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147>. Acesso em: 15 out,2022.

SIQUEIRA, T. de F., **A atuação da mulher no mercado de trabalho e o reflexo na economia brasileira.** Disponível em: [www.unitau.br](http://www.unitau.br). Acesso em: 28 set,2022.



SMITH, A., **A Riqueza das Nações.** Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4881/mod\\_resource/content/3/CHY%20A%20Riqueza%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4881/mod_resource/content/3/CHY%20A%20Riqueza%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es.pdf). Acesso em: 30 ago,2022.

SOUSA, R. **O iluminismo e o lugar da mulher.** Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-iluminismo-lugar-mulher.html>. Acesso em: 26 set,2022.

STONE, M., **Carlos X de França.** Disponível em: <https://www.trenfo.com/pt/historia-pt/biografias-pt/carlos-x-de-franca>. Acesso em: 18 out,2022.

**Tela A Liberdade guiando o povo.** Disponível em: <https://www.culturagenial.com/a-liberdade-guiando-o-povo-de-eugene-delacroix/>. Acesso em: 28 ago, 2022.

[www.google.com.br](http://www.google.com.br) . Acesso em: 15 nov,2023.